



## IGUALDADE SE PLANTA NA ESCOLA

Educadoras homenageadas no IV Encontro de Mulheres, promovido pelo Sinpro, por semearem a igualdade e derrubarem barreiras enfrentadas na luta contra o preconceito e a violência do gênero

Como artesãs de um novo mundo, construímos a cada dia possibilidades de realização do que acreditamos. Para nós, educadoras, a letra, a palavra, o ato de ensinar são como a linha, pano, barro cru, madeira bruta e o sisal na mão de uma artesã. Fazemos das letras palavras de esperança, de ternura, de transformação, de enfrentamento e luta.

Com nossa arte – a de ensinar – moldamos uma nova sociedade, livre e justa. Fazemos da nossa fala poderosa ferramenta



*“A exclusão das mulheres no parlamento começa antes mesmo das urnas e é isto que precisamos mudar. Além disto, todas e todos temos a obrigação de reivindicar dignidade e respeito não só às mulheres, mas a todos os brasileiros”, deputada federal Érika Kokay - PT-DF.*

*“O Brasil nunca teve tantas mulheres no cenário político e tem ganhado visibilidade em cenários que então eram reduto masculino. Apesar de todas as conquistas, ainda há muito o que conquistar, principalmente no mercado de trabalho e nos segmentos políticos”, Fátima Silva, secretária de Relações Internacionais da CNTE e vice-presidenta da IEAL.*


para tecer igualdade no cotidiano da sala de aula, nas ruas ou em nosso sindicato, lutando por dignidade e justiça.

É com este desejo que levamos à frente e aprimoramos o tema das mulheres educadoras do Sinpro: Igualdade se planta na escola.

Por isso, o **IV Encontro de Mulheres Educadoras**, promovido pela Secretaria de Mulheres Educadoras do Sinpro, reafirmou a luta pelo fim da violência contra as mulheres e a busca pela construção de uma educação libertária e transformadora como ferramenta fundamental para alicerçar uma sociedade justa, solidária sem discriminação e preconceito.



Com o tema **Igualdade se Planta na Escola**, o Encontro ocorreu nos dias 26 e 27 de abril de 2013, na sede do Sinpro, trazendo várias (os) convidadas (os) que trocaram experiências e falaram sobre os avanços e as barreiras enfrentadas na luta contra o preconceito e a violência de gênero.

O painel sobre os “novos instrumentos e debates na sociedade pela construção da igualdade de direitos” foi aberto com a apresentação de um vídeo feito em homenagem à militante feminista Clara Charf (foto), onde a própria militante nos chama atenção para a necessidade de “dar mais politização à luta das mulheres”. Confira um resumo de cada mesa na página 2. 

# Construção da igualdade de direitos

*Durante os dois dias de Encontro as (os) convidadas (os) abordaram vários temas, relataram suas experiências e reafirmaram a luta na construção da educação libertária e transformadora*

**Orientação Educacional** – Na palestra com o tema “Uma nova forma da Orientação Educacional no fortalecimento das relações na escola para igualdade de gênero”, a orientadora educacional da Secretaria de Educação do DF, Lucia Santis, falou que nossos valores estão arraigados no nosso comportamento dia a dia e que para garantir novos direitos temos que estar na luta todos os dias.

*“É a mulher que impede o homem de entrar na organização do lar. Afinal são as mães que ensinam os filhos as tarefas domésticas. precisamos estar atentas, pois, se não educarmos nossos filhos dentro de casa não conseguiremos trazer isso para a escola”.*



**Linguagem escrita e oral** – A ex-diretora do Sinpro, Maria Augusta, abordou a linguagem oral e escrita na cultura de igualdade de direitos, lembrando que a escola é o melhor espaço e o melhor palco para trabalhar a construção da igualdade de direitos.

*“Podemos fazer o debate com nossas alunas e alunos e abrir caminho para as mudanças. É necessário fazermos o uso da linguagem como instrumento para valorização da mulher. Nossa língua não é machista. Somos nós quem a masculinizamos ao não flexionar os gêneros”.*

**Por uma cultura da não violência e a consolidação da Lei Maria da Penha** - Graça Cunha explicou que há sete anos a sociedade comemorava a promulgação da Lei Maria da Penha, mas afirmou que mesmo com os avanços alcançados pela Lei, ainda há muito que avançar.

*“O Sinpro é um exemplo de luta pelo fim da violência contra a mulher, mas ainda precisamos lutar por três pontos importantíssimos: salários iguais; construção de creches públicas e um debate profundo sobre a educação integral, pontos que ajudam na luta das mulheres brasileiras”.*



*“A Lei Maria da Penha ajudou na luta contra a violência, mas precisamos avançar. Parabéns ao Sinpro, que tem uma secretaria de mulheres, e também por toda a luta contra o racismo e a violência de gênero”, Luana Natelli, representante da CFEMEA.*

**Uso das Mídias** - A coordenadora da Secretaria de Finanças do Sinpro, Rosilene Corrêa, falou sobre o uso das mídias (internet, TV, rádios) contra a cultura sexista e racista. Rosilene explicou que, infelizmente, a mídia, ainda hoje, vende a imagem da mulher desvalorizada, da mulher objeto.

*“Nosso sistema de comunicação serve ao capital. Por isso ainda não conseguimos ter um novo marco regulatório. A escola tem uma importância muito grande no papel na luta contra o preconceito e para promover a análise com alunas e alunos de como a mulher é tratada pela mídia”.*



# Falta de creches públicas é um grande problema no Distrito Federal

*Em outubro de 2012, o GDF se comprometeu a construir 112 creches, mas até o momento nenhuma foi entregue à população*

A creche pública, gratuita, integral e de qualidade é uma luta histórica das mulheres trabalhadoras, e um direito constitucional das crianças, como bem lembra a diretora do Sinpro, Vilmara Pereira. Mas em muitos lugares do DF, como na Estrutural e no Itapoã, esse direito não é respeitado.

No dia 11 de outubro de 2012, o Sinpro organizou um ato levantando a bandeira da creche pública e cobrando do GDF a construção de unidades no Itapoã, no qual contou com a presença de várias mães da comunidade. O compromisso do Governo era de construir 112 creches, das quais nenhuma seria na Região do Paranoá / Itapoã, área de grande vulnerabilidade social, conforme dados do PNAD 2012.

Cíntia Carolina Resende Calixto, 40 anos, é artesã e mãe dos gêmeos João e Hélio, de 2 anos. Ela não pode trabalhar em horário integral, pois na Estrutural, onde reside, não há uma creche pública. O GDF prometeu construir duas creches na região, mas até agora Cíntia e as outras mães aguardam o governador cumprir a palavra.

“A única creche gratuita não é pública, é da Igreja, mas está lotada. As mães aguardam mais de um ano para abrir uma única vaga. Portanto, na falta de opção, pago R\$ 150 por mês para levar meus filhos em uma unidade particular”, lamenta a artesã.

A Secretária de Obras do GDF foi procurada pela reportagem, mas até o fechamento desta edição, não se manifestou se há alguma previsão de construção de creches na Cidade Estrutural.

O Sinpro-DF criou uma petição na AVAAZ, organização que defende causas humanitárias e realiza petições virtuais, em prol da “creche pública já” no DF. Acesse e ajude a divulgar essa Campanha que faz parte de uma luta por autonomia e emancipação das mulheres trabalhadoras.

As(os) interessadas (os) em assinar a petição acessem o endereço [https://secure.avaaz.org/po/petition/Creche\\_Publica\\_no\\_DF\\_ja/](https://secure.avaaz.org/po/petition/Creche_Publica_no_DF_ja/)

Qualquer dúvida, entrem em contato no e-mail [crechepublica@sinprodf.org.br](mailto:crechepublica@sinprodf.org.br) ou pelo telefone 3343-4206.



*Cíntia Carolina Resende Calixto é artesã, mãe de gêmeos e precisa pagar R\$ 150 por mês para deixar os filhos em uma creche particular, por meio período.*



*Diretora Eliceuda França, da Secretaria de Assuntos para as Mulheres, durante ato a favor de creches públicas no DF, promovido pelo Sinpro-DF*



*A realidade em várias regiões administrativas do DF é de vulnerabilidade social. Na Cidade Estrutural, por exemplo, não há previsão de construção de creches*



*Creche durante o IV Encontro de Mulheres Educadoras: momentos divertidos para as crianças*

# 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres

Sob o lema Pelo fim da violência contra a Mulher, o Sinpro-DF entra na campanha mundial 16 Dias de Ativismo, que no Brasil acontece de 20 de novembro a 10 de dezembro. O Sindicato dos Professores reforça a importância dessa discussão na rede pública de ensino, por entender que “Igualdade se planta na Escola” e se mobiliza em três atividades para a sociedade.

A campanha 16 Dias de Ativismo foi lançada em 1991 pelo Center for Women's Global Leadership (Centro de Liderança Global de Mulheres), exigindo a eliminação de todas as formas de violência de gênero. No mundo, é mobilizada entre 25 de novembro e 10 de dezembro. No Bra-

sil, a mobilização se antecipa a partir de 20 de novembro, pela importância do Dia da Consciência Negra.

“A violência contra as mulheres se estrutura na desigualdade social e na falta de oportunidades sendo, de certa forma, a única hipocritamente permitida na sociedade, pelo bem da ordem machista e patriarcal, e isso tem que acabar”, afirma Neliane Cunha, diretora do Sinpro na Secretaria de Políticas para as Mulheres. “Esse período da campanha foi escolhido por apresentar datas simbólicas por políticas afirmativas e para as mulheres do mundo inteiro, por isso a importância do papel de cada mulher e cada homem nessa luta”.

## Conheça os momentos históricos que marcam os 16 dias de ativismo:

**20/novembro** - Dia Nacional da Consciência Negra, em memória a Zumbi dos Palmares, ícone da resistência negra ao escravismo e da luta pela liberdade, assassinado em 1965. Instituído em 1978, o dia lembra a inserção de negras e negros na sociedade brasileira e sua luta contra a escravidão.

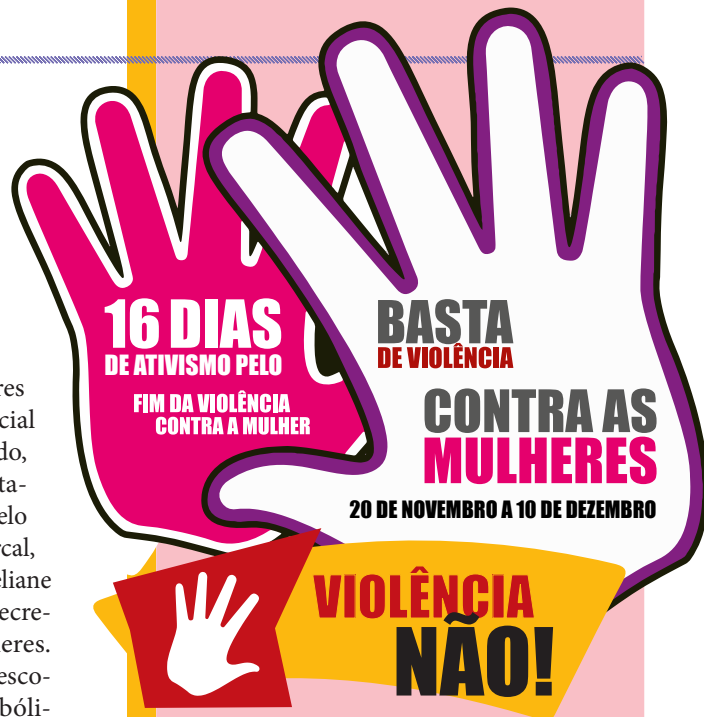
**25/novembro** - Dia Internacional da não violência contra as mulheres, em memória a “Las Mariposas”, as conhecidas mundialmente como irmãs Mirabal, ativistas pela liberdade política da República Dominicana, assassinadas brutalmente pela ditadura daquele país em 1960.

**1º/dezembro** - Dia Mundial de Combate à AIDS, que tem por objetivo estimular a prevenção, diminuir a disseminação do vírus HIV e combater o preconceito contra







as pessoas soropositivas. Essa data leva à reflexão sobre o preocupante crescimento dos casos de mulheres contaminadas.

**06/dezembro** - Campanha do Laço Branco, em memória às 14 estudantes assassinadas na Escola Politécnica de Montreal, em 1989. O massacre tornou-se símbolo da injustiça contra as mulheres e inspirou a criação da campanha, mobilização mundial de homens pelo fim da violência contra as mulheres.

**10/dezembro** - Dia Internacional dos Direitos Humanos. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada pela ONU, em resposta à violência da Segunda Guerra Mundial, onde seus artigos inspiraram inúmeros tratados e dispositivos voltados à proteção dos direitos fundamentais.



### Pasmem!

-  No mundo, as mulheres estão mais expostas ao risco de violência em casa do que na rua.
-  Quase metade das mulheres que morrem por homicídio é assassinada por atuais ou ex-parceiros.
-  Mais de um terço das mulheres no mundo é vítima de violência física ou sexual.
-  Cerca de 140 milhões de meninas e mulheres no mundo vivem atualmente com as consequências da mutilação genital feminina.
-  A violência contra as mulheres no mundo representa um problema de saúde global com proporções epidêmicas.
-  A violência de gênero é uma das causas para problemas de saúde agudos e crônicos, que vão desde lesões imediatas, até DST, HIV, depressão e transtornos de saúde mental.

\*Dados do relatório da OMS sobre a violência de gênero, ano 2013

## Novidade à vista!

Para fomentar a luta e o debate no seio escolar em busca da igualdade, o SinproMulher virá na sua próxima edição, em 2014, com novo formato e nova linha editorial.

A Secretaria de Políticas e Assuntos para Mulheres Educadoras identificou junto à categoria que o SinproMulher deve ir além da publicação das ações desenvolvidas pelas semeadoras que plantam a igualdade de gênero na comunidade escolar.

O novo SinproMulher passará a subsidiar debates e incentivar a implementação de projetos pedagógicos, reafirmando nossa conquista da obrigatoriedade do ensino de gênero na escola, conforme Resolução 01/2012 do CEDF.

Abordando a questão do gênero, através de temas históricos, cidadania, saúde, violência, direitos, entre outros, o SinproMulher quer se tornar referência para a busca da igualdade. E você educadora é co-autora dessa construção.



Dirretoras da Secretaria de Políticas para Mulheres Educadoras: Neliane, Eliceuda e Vilmara - Mandato 2013/2016

Contato: 3343-4206 (Ana Lúcia)